



# PRETITUDE E GOVERNANÇA

Stefano Harney & Fred Moten

Apretitude performance preta  
subjetividade democracia

*O presente artigo discute questões relativas à identidade preta no contexto das democracias modernas e como a performance preta deve ser mobilizada para não ser capturada pelo racismo inerente ao capitalismo e à democracia ocidental. Os autores mobilizam questões teóricas e filosóficas para revirar o espectro racista que assombra nossa sociedade.*

1. Há um impulso anoriginário [*anoriginary*] cuja diferença interna fatídica (em oposição a falha fatal) é o fato de trazer a regulação para a existência, para uma história irregularmente pontuada por transformações que o impulso impõe sobre a regulação. Essas imposições transformadoras aparecem para nós agora como uma compensação e um excedente: como o pagamento de uma dívida enorme e incalculável por aqueles que simplesmente jamais a contraíram; e como a enorme e incalculável extensão da vida trabalhada [*labored living*], “a coisa realizada nas coisas... a universalidade das necessidades individuais, capacidades, prazeres, forças produtivas etc., criadas por meio da troca universal”, que Marx chamava de riqueza. O impulso anoriginário e as insistências que ele traz à existência e por meio das quais ele se move, aquela criminalidade que alinha a lei, o fugidio e anárquico terreno da dívida impagável e da riqueza não contabilizada, o escapante, mundo teatral interno que aparece para uma minuta serializada – pobre mas extravagante em oposição ao frugal – é a pretitude,<sup>1</sup> que deve ser entendida em sua diferença ontológica das pessoas pretas que são, apesar de tudo, (des)privilegiadas apenas no que diz respeito ao que lhes é dado (para) um entendimento disso.

BLACKNESS AND GOVERNANCE | *The essay debates issues relative to the black identity in the context of the modern democracies and how black performance must be mobilized in order not to be captured by capitalism’s and western democracy’s inherent racism. In order to do so, the authors mobilize a series of theoretical and philosophical questions.* | **Blackness, black performance, subjectivity, democracy.**

2. Considere a seguinte declaração: “Não há nada de errado com a pretitude”: e se esse fosse o axioma primitivo de um novo “estudos negros”<sup>2</sup> não derivados da psico-político-patologia das populações e suas teorizações corolares do Estado ou do racismo de Estado; um axioma derivado, como todos os axiomas

Martin Luther King Jr. em discurso no Mason Temple, em Mênfis (EUA), 3 de abril de 1968  
Foto: Ernest C. Withers

do tipo são, das “línguas fugitivas” e vulgaridades eloquentes encriptadas em trabalhos e dias que acabam sendo do nativo ou do escravo apenas porque o fugitivo não é reconhecido corretamente, e em vidas nuas que acabam só sendo nuas porque nenhuma atenção lhes é dada, porque tais vidas persistem sob o signo e o peso de uma questão fechada?

3. A estética preta ativa uma dialética de retenção luxuriante – abundância e falta empurram a técnica para além do limite da recusa, de modo que o problema com a beleza, que é a própria animação e emanação da arte, é sempre e em todo lugar problematizado de novo e de novo. Nova técnica, nova beleza. Ao mesmo tempo, a estética preta não tem a ver com técnica, ela não é uma técnica, embora um elemento fundamental da terrível negação anestésica de “nossa terribilidade” seja o sampleamento eclético de técnicas de performatividade preta em prol da não problemática asserção despossessiva de uma diferença, complexidade ou sintaxe interna que foi sempre e em todo lugar tão aparente, que a asserção é um tipo de excesso [*superfluity*] autoindulgente, autoexpiatório. Tal asserção contribui para tentar refutar as afirmações da simplicidade atômica da pretitude, que nunca foram sérias o suficiente para refutar (asserções não falseáveis, sem evidência, feitas por motivações irrazoáveis, embora totalmente racionalizadas, de má-fé e num torpor dogmático).

4. A rejeição de qualquer afirmação possível no que tange à essência ou mesmo à existência da pretitude (*em sua performatividade irreduzível*) se torna, em si mesmo, a rejeição da pretitude. Técnicas diferenciais ou diferenciadoras existem para dar conta de e cobrir uma ausência. Apelos à diferença interna são realizados de modo a desautorizar a instanciação. A abstração do que parte do ou pertence ao referente é vista como

paradigma para sua não existência. As técnicas da performance preta – nas suas manifestas diferenças umas das outras, no amplo alcance de sua transferibilidade e na sua inserção numa história que é estruturada mas não determinada por imposição – são entendidas como constituintes da “prova” de que a pretitude não é, ou é perdida, ou é perda. Desse ponto de vista, abstração e performatividade existem para carregar parte do mesmo peso no qual a refutação das demandas sobre a autenticidade ou unidade da pretitude torna-se a refutação da pretitude como tal. Esse apelo à técnica é, em si mesmo, uma técnica de governança. No meio tempo, pretitude significa deixar sem resposta a questão de como governar aquela coisa que se perde e se encontra a si mesma como algo que ela não é.

5. Não no interesse de alguma oposição simples ou complexa entre *Technik* e *Eigentlichkeit*, mas sim na improvisação que acontece por meio da oposição entre elas é que a estética preta se movimenta. Qual é o conteúdo de (sua) técnica (preta)? Qual é a essência de (sua) performance (preta)? Um imperativo está implicado aqui: é preciso prestar atenção às performances (pretas) já que é deixado para aqueles que prestam tal atenção reteorizar essência, representação, abstração, performance, ser [*being*].

6. A negação é uma tendência inerente à tradição radical preta,<sup>3</sup> um tipo de inevitabilidade que emerge da força patologicamente autocrítica de (uma variante antecipatória de) um iluminismo mais genuíno, por um lado, e os mais básicos – o que não significa nada além de dizer base – desejos que animam a *ideologia da elevação* [*ideology of uplift*]. A lógica da correção é o fugitivo da instrumentalidade política, apesar de tal fugitividade ter uma borda duplicada, autoconsumível – o impulso patológico do patologista; o fim de

um antirracismo antiessencialista sem o necessário redirecionamento. Tal instrumentalidade pode rapidamente se tornar amarga ou ser usada em favor dos interesses do império (artistas contra a arte em favor do interesse pelo ouro, imitações pré-fabricadas – com procedências *readymades* – de uma certa intelectualidade de Nova York, um estado mental, um Estado mente, uma mente dos Estados Unidos da Exceção, dos *gangsters* anoriginais do Século Americano que roubaram a arte moderna daqueles que roubaram, como arte moderna, as coisas moventes, variegadas, esculturais, animadas, teatrais).

7. Mas a pretitude ainda tem trabalho a fazer: descobrir o redirecionamento codificado na obra de arte: no anacoreográfico repousar [*reset*] de um ombro, nas calmas extremidades que animam uma gama de cromatismos sociais e, especialmente, nas mutações que impulsionam a fala muda, trabalhada, musicada enquanto ela se move entre uma incapacidade para enunciações autogeradas razoáveis ou significativas que são, por um lado, supostas e, por outro lado, impostas, e uma predisposição crítica para roubar (dele). Nessas mutações que são sempre também uma regenerização ou uma transgenerização (como nos *falsettos* errantes de Al Green ou no rosnado do baixo – que não é nada além de básico – de Big Maybelle), e, entre aquela impropriedade do discurso que se aproxima da animalidade e uma tendência à expropriação que se aproxima da criminalidade, está a pretitude, está a coisa preta que rasga a força reguladora, governante de (o) entendimento (e mesmo desses entendimentos da pretitude aos quais as pessoas pretas são dadas, já que a fugitividade escapa até ao fugitivo).

8. O trabalho da pretitude é inseparável da violência da pretitude. Violência é onde técnica e beleza retornam, apesar de elas nunca terem saído de

cena. Considere a técnica como um tipo de tensão e considere a técnica que está embutida e que atravessa técnicas – a crueldade (fanoniana, em oposição a artaudiana). A diferença interna da pretitude é um redirecionamento cruel e violento, impulsionado pela crítica e fora dela, que está pressuposto na noção, que me foi dada, para mim pelo menos, por Martin Luther King Jr., de que não há *nada de errado conosco* (precisamente porque há algo de errado, algo fora de lugar, algo ingovernável, fugidamente vivendo em nós que é constantemente entendido como o patógeno que ele instancia). Essa noção é manifesta primeiramente na longa, câmera lenta – a série de desvios tragicamente prazerosos – do imediato (da improvisação, que é algo que não é quase nada além do espontâneo), um redirecionamento que se desvia de um giro em ou para si. A oposição da crueldade fantoniana e artaudiana é uma itinerância que une vida e pretitude. Movimento em direção à e contra a morte e suas prematuridades específicas e gerais, e uma disposição para romper com a lei que se chama à existência constituem sua própria relacionalidade. Mas qual é a relação entre disposição e propensão? E qual a diferença entre fuga e fatalidade? Quais são os sentidos políticos de estar disposto a morrer e o que eles têm a ver com o escândalo do divertimento? O que é morte prematura? Qual comércio que segue entre o que Jacques Lacan identifica como a prematuridade do nascimento do homem e o que Hussein Abdilahi Bulhan identifica como a prematuridade específica (e irredutível ameaça) da morte na pretitude?

9. Tocar essas questões demanda algumas tentativas de descobrir como a pretitude opera como modalidade de constante escape da vida e toma a forma, o padrão sustentado e errante, de fuga. Então nós temos tentado descobrir como o co-



I Am A Man, Greve dos trabalhadores do sistema de água e esgoto de Mênfis (EUA), 28 de março de 1968 Foto: Ernest C. Withers

num [commons] rasga o senso comum – a necessariamente fracassada contabilização administrativa do incalculável – isto é, o objeto/objetivo do autocontrole iluminista; e tentando chegar a essa sensualidade subcomum, esse radical ocupado-em-outro-lugar, aquele utópico comum-subterrâneo dessa distopia, o conturbado aqui e agora dessa particularidade anecêntrica que nós ocupamos e com a qual nós estamos preocupados. Deve ser que, ao explorar o lado oposto do mercado negro dessa constante economia de reconhecimento equivocado, esse conhecimento da miséria [*misery cognition*], será possível descobrir os prazeres informais, que dão forma à economia do conteúdo: pois nós estamos apaixonados pelo modo como a batida desse círculo

dêitico tipo-favela perde o controle; como música evento, cheia de cor, explode o horizonte de eventos; como as ondas sonoras desse buraco negro carregam imagens saborosas para tocar; como a única maneira de se entender com eles é senti-los. Essa informação não pode ser perdida nunca, apenas irrevogavelmente dada em trânsito. Nós não poderíamos nunca providenciar uma série de suaves transições para essa ordem de valas e vãos escondidos. Há somente essa serialidade aberta de terminais em transcrições em *off*. Algumas pessoas querem tocar as coisas, outras coisas querem correr.<sup>4</sup> Se eles te perguntarem, diga-lhes que estávamos voando. O conhecimento da liberdade é a (está na) invenção da fuga, roubar nos confins, na forma, de uma ruptura. Isso é mantido próxi-



mo à música aberta daqueles que supostamente deveriam estar em silêncio.

10. A quem nos referimos quando dizemos “não há nada de errado conosco”? Os gordos. Aqueles que estão fora de qualquer radar por mais precisamente localizados que estejam. Aqueles que não estão conscientes quando eles escutam Les McCann. The Screemers<sup>5</sup> que não dizem muito, de maneira insolente. Os frequentadores de igrejas que valorizam a impropriedade. Aqueles que conseguem evadir ao autogerenciamento na encolha. Aqueles sem interesse que trazem o barulho silencioso e a gramática mutante do novo interesse geral pela recusa. O novo intelecto geral estendendo a longa, extragenética linha da obri-

gação extramoral para perturbar e evadir a inteligência. Nossos primos. Nossos amigos.

11. O novo intelecto geral é rico. E a nova regulação quer te devolver o que você tem, publicamente, o que significa dizer parcialmente, aquilo que só pode ser devido. Essa regulação é chamada de governança. Ela não é governamentalidade, nem é uma governança da alma. Ela deve ser descrita em sua inscrição naquela criminalidade que duplica como dívida, que duplica a dívida, que se contorce na inscrição, que torce.

Nikolas Rose estava errado, governança não é sobre governo, e Foucault pode ter acertado. Mas como ele poderia saber se ele não reconheceu a prioridade daquilo que ele sabia no Norte da África? Governança é a sagacidade do oficial colonial, da mulher da CIA, do homem da ONG. Ainda vamos cair na piada agora que nós todos conhecemos a governamentalidade tão bem? Nós todos podemos lê-la como um livro. Nada acontece por trás das costas do novo cinismo (exceto que nós temos que lembrar Paolo Virno daquilo que sempre ocorreu além do cinismo, o que nunca teve casa nem abrigo, que sempre foi em menor número e menos armado). Nós cairemos na piada da religião, do lixo branco,<sup>6</sup> ou na piada do desenvolvimento, do marxismo? Quando Gayatri Spivak se recusa a rir, lhe dizem que ela quer negar aos trabalhadores seus *cappuccinos*. E ela se recusa a aceitar a posição reduzida de estar contra o *insider trading* da dominação, ela se recusa a aceitar uma posição reduzida a estar contra a coerção que explora aquilo que ela não pode reduzir a um convite à governança.

Ainda assim os convites continuam chegando por meio do sorriso cínico da governamentalidade por todos, ou na severa e séria frente da democratização. Crítica e política. Não é de sur-

prender que Rose achava que governança tinha a ver com governo. Pior ainda, alguns dizem que governança é meramente um neologismo de gestão, uma peça de ideologia fora de moda. Outros pensam que governança é uma simples retirada do fundamentalismo de mercado do neoliberalismo para o liberalismo.

Mas nós queremos reduzi-lo a uma forma de 'pensamento-Estado', uma forma de pensamento que, para Gilles Deleuze e Felix Guattari, apoiava a constituição e o direcionamento da riqueza social. Um pensamento que escapa em pensar o privado antes do público e do privado, mas não exatamente antes, e sim um passo à frente. O pensamento-Estado diz "eles queimaram o próprio bairro deles". Não deles, antes deles. Mas, aí, ninguém escreve mais sobre o Estado, pois a governança é muito esperta para isso, a governança nos convida a rir do Estado, para olhá-lo pelas costas, sua imaturidade política frente à governamentalidade por todos, seu comportamento perigoso, sua preguiça, sua pretitude. O que significa de fato a exaustão da pretitude pensada pelo Estado e a nova maneira de roubar dos roubados, que se recusam a entregar o segredo de roubar com seu roubo, o segredo de eles roubarem seu roubo.

Na linguagem mais nova das ciências sociais nós podemos dizer que a governança é gerada por uma recusa entre as populações biopolíticas. Ou então pela autoatividade do trabalho imaterial. Mas talvez nós gostaríamos de dizer que ela é provocada pela *comunicabilidade de diferenças raciais e sexuais não gerenciáveis*, insistindo em uma agora incomensurável dívida de riqueza.

12. A governança é uma estratégia para a privatização do trabalho social reprodutivo, uma estratégia provocada por essa comunicabilidade, infectada por ela, receptiva e hostil. Como Toni Negri diz, "a nova cara do trabalho produtivo

(intelectual, relacional, linguístico e afetivo, em vez de físico, individual, muscular, instrumental) não subestima, mas acentua a corporalidade e a materialidade do trabalho".<sup>7</sup> Mas acumular trabalho coletivo cognitivo e afetivo dessas diferenças altamente comunicáveis não é o mesmo que acumular corpos biopolíticos que trabalham. As diferenças aqui importam não pela ordem, mas a ordem importa para as diferenças. A ordem que coleciona as diferenças, a ordem que coleciona o que Marx chamou de trabalho ainda objetificando a si mesma, é a ordem da governança.

13. Mas a governança coleciona como uma sonda perfurando em busca de amostras. Governança é uma forma de prospectar esse trabalho imaterial. O trabalho imaterial é opaco para o pensamento-Estado até que ele se torne trabalho-poder, potencialidade intercambiável. O trabalho imaterial poderia facilmente ser confundido com a vida, e é por isso que o biopolítico deve tomar uma nova forma. Uma forma que provoca a vida a abrir mão desse novo potencial. A responsabilidade social corporativa é sincera. O convite à governamentalidade é feito por meio de transferência de responsabilidade, e o trabalho imaterial é distinto da vitalidade da vida, de seu receptáculo [vesse!], por tomar responsabilidade, e a vida agora é diferenciada por sua irresponsabilidade explícita.

Já que nem o Estado nem o capital sabem onde encontrar o trabalho imaterial ou como distingui-lo da vida, a governança é um tipo de perfuração exploratória com uma ponta de responsabilidade. Mas essa perfuração não é realmente por trabalho-poder. Ela é pela política ou, ao contrário, como Tiziana Terranova sugere, é por *soft-control*, o cultivo da política sob o político. O *slogan* da governança pode ser não "onde há gás, há óleo", mas "onde há política há trabalho", um tipo de trabalho que pode ser provocado para, nas pala-

vras da crítica, ou cultivado em, usando palavras da política, trabalho-poder. Mas esse trabalho como subjetividade não é política para ele mesmo. Deve ser politizado se for para que ele entregue seu trabalho-poder ou então, poderíamos dizer, a política é o processo de refino do trabalho imaterial. A politização é o trabalho do pensamento-Estado, o trabalho, hoje, do capital. Esse é o interesse e lucro que ele carrega. E interesses e lucro são seu sangue vital, seu trabalho.

14. A governança opera por meio da aparente autogeração desses interesses. Diferente de regimes soberanos anteriores, não há um interesse predeterminado (não há uma nação, constituição ou língua) a ser realizado coletivamente. Ao contrário, os interesses são solicitados, oferecidos e acumulados. Mas esse é um momento tão próximo à vida, à vitalidade, ao corpo, tão próximo a nenhum interesse, que a imposição do autogerenciamento se torna imperativa. Essa imposição é a governança.

15. A governança então se torna o gerenciamento do autogerenciamento. A geração de interesses aparece como riqueza, plenitude, potencial. Ela esconde o lixo do imaterial cru e sua reprodução na enxurrada de suas conferências, consultas e divulgação. De fato, dentro da empresa, o autogerenciamento é diferenciado da obediência pela geração de novos interesses em qualidade, *design*, disciplina e comunicação. Mas com a implosão do tempo e do espaço na empresa, com a dispersão e virtualização da produtividade, a governança chega para gerenciar o autogerenciamento, não desde de cima, mas desde de baixo. O que emerge então pode não ser valor a partir de baixo, como Toni Negri o chama, mas política desde de baixo, de modo que nós temos que estar atentos às articulações de base e desconfiados da comunidade. Quando o que emerge de baixo são

interesses, quando o valor desde de baixo se torna política desde de baixo, o autogerenciamento aconteceu e a governança realizou seu trabalho.

16. Os soviéticos costumavam dizer que os Estados Unidos tinham liberdade de expressão, mas que ninguém conseguia te escutar acima do ruído das máquinas. Hoje ninguém consegue te escutar acima do ruído das conversas. Maurizio Lazzarato diz que o trabalho imaterial é loquaz e o trabalho industrial era mudo. As populações da governança são sociáveis. A sociabilidade é a forma de troca do trabalho-poder imaterial, um trabalho-poder convocado por interesses e lucro de uma comunicabilidade sem interesses nem lucro, uma comunicabilidade viral, uma batida.

A compulsão em nos dizer como você se sente é a compulsão do trabalho, não da cidadania, exploração e não dominação, e ela é a branquitude. Branquitude é a razão pela qual Lazzarato não ouve o trabalho industrial. Branquitude não é nada além de uma relação com a pretitude, como tentamos descrever aqui, mas em particular uma relação com a pretitude em sua relação com o capital, que é o mesmo que dizer um movimento da mudez a uma insolência muda que pode acontecer através do ruído. Mas o ruído da conversa, o ruído branco,<sup>8</sup> o ambiente rico em informações dos sociáveis [*gregarious*] vêm das subjetividades formadas pelo trabalho objetificado. Essas são as subjetividades dos interesses e lucro, subjetividades do trabalho-poder cujas potencialidades já estão delimitadas pelo modo como será gasta e muda a sua pretitude. Essa é a verdadeira mudez do trabalho imaterial. A governança é a extensão da branquitude em escala global.

17. As ONGs são os laboratórios da governança. A premissa das ONGs é que todas as populações devem tornar-se sociáveis [*gregarious*]. E a ética das ONGs, o sonho da governança de modo geral, é



ir além da representação como uma forma de soberania, é autogerar representação, em ambos os sentidos. Aqueles que podem se representar serão também aqueles que irão re-presentar a si mesmos como interesses em um só movimento, colapsando a distinção. A ONG é o braço de pesquisa e desenvolvimento da governança encontrando novas maneiras de trazer para a pretitude aquilo que dizem que lhe falta, aquilo que não pode ser trazido, interesses. Eu não quero falar por aquelas pessoas é o mantra da governança.

18. A governança é o empregar da democracia. Quando a representação se torna obrigação de todos, quando política se torna o trabalho de todos, a democracia é trabalhada. A democracia não pode mais prometer o retorno de algo perdido no local de trabalho, mas, ao contrário, ela mesma se torna uma extensão do local de trabalho. E nem mesmo a democracia pode conter a governança, mas é apenas uma ferramenta em sua caixa. Governança é sempre gerada, ela é sempre orgânica para qualquer situação. A democracia cai bastante mal em muitas situações, e deve ser trabalhada, feita para parecer tão natural quanto a governança, feita para servir à governança.

19. Porque a governança é a anunciação da troca universal. A troca pela comunicação de todas as formas institucionais, todas as formas de valor de troca umas com as outras é a enunciação da governança. O hospital dialoga com a prisão que dialoga com a universidade que dialoga com a ONG que dialoga com a corporação por meio da governança, e não apenas dialogam uns com os outros, mas falam uns sobre os outros. Todo mundo sabe tudo sobre nossa biopolítica. Esse é o aperfeiçoamento da democracia sob o equivalente geral. É também a anunciação da governança como a realização da troca universal nos termos do capitalismo.

20. Governança e criminalidade – a condição de ser sem interesses e sem juro – vêm para fazer cada qual possível. O que significaria lutar contra a governança, contra aquela que pode produzir luta ao germinar interesses? Quando a governança é entendida como a criminalização do ser sem interesses, como uma regulação trazida à existência pela criminalidade, em que criminalidade é aquele excesso que sobra da criminalização, uma certa fragilidade emerge, um certo limite, uma imposição incerta por um impulso maior, a mera enunciação daquele cujo nome tornou-se uma vez mais, e completamente, muito preto, muito forte.

**Tradução** André Leal

**Revisão técnica** Fabiana Lopes

## NOTAS

### O texto foi publicado originalmente em:

Harney, Stefano; Moten, Fred. *The undercommons – fugitive planning & black study*. Wivenhoe/New York/Port Watson: Minor Compositions, 2013, p. 44-57.

1 Optamos aqui por traduzir *blackness* por pretitude em vez de negritude, pois consideramos que esse termo é mais representativo da performance preta da linguagem à qual o texto se propõe. [N.T.]

2 “Estudos negros”, ou *Black studies*, é uma área de estudos muito importante nas universidades dos Estados Unidos. [N.T.]

3 Tradição radical preta refere-se à *Black radical tradition*, desenvolvida por diversos estudiosos e que diz respeito a um ‘capitalismo racial’ e à opressão e resistência dos pretos nesse contexto. Ela seria uma tradição revolucionária de libertação dos povos escravizados na colonização americana e africana, bem como um combate ao racismo inerente e

sistêmico do capitalismo e do imperialismo. Um dos principais textos que analisa essa questão é: Robinson, Cedric J. *Black marxism and the making of black radical tradition*. London: Zed Press, 1983. [N.T.]

**4** No original em inglês: “Some people want to run things, other things want to run”, o trocadilho entre os diferentes usos de ‘run’ perde-se na tradução para o português. [N.T.]

**5** *The Screamers* faz referência a uma banda de *punk rock* de Los Angeles da segunda metade da década de 1970. A tradução literal seria “os gritadores”, ou “aqueles que berram”. [N.T.]

**6** *White trash* é uma expressão utilizada nos Estados Unidos tradicionalmente de forma pejorativa em relação à população branca pobre, mas que nos últimos anos ganhou novas conotações após a ascensão de Donald Trump ao governo e do fortalecimento dos movimentos da chamada supremacia racial branca. Assim, essa expressão atualmente refere-se aos integrantes dessas correntes políticas. [N.T.]

**7** Negri, Antonio. Réponse à Pierre Macherey. *Multitudes*, v. 22, n. 3, 2005, p. 111-117. [N.T.]

**8** *White noise* no original em inglês, seria ‘ruído de fundo’ em tradução não literal. Optou-se pela tradução literal para não se perder a relação racial que o uso do termo em inglês traz. [N.T.]

**Stefano Harney** é professor na *Singapore Management University*, em Singapura. Foi curador da exposição *Shipping and the Shipped*, na trienal *Bergen Assembly* em 2016, como parte do coletivo *freethought*. Coordena o grupo de leitura e estudos *Ground Provisions* com *Tonika Sealy Thompson*. Também participa da *School*

*for Study*, um coletivo nômade de professores universitários cujos êxodos da universidade marcam o tempo e o espaço para o estudo. É autor de diversos livros e publica regularmente em revistas acadêmicas internacionais.

**Fred Moten** é professor do Departamento de Estudos da Performance da *Tisch School of Arts*, na Universidade de Nova York. É graduado por Harvard e PhD pela Universidade da Califórnia, Berkeley. Dá cursos e orienta pesquisas em estudos pretos, estudos da performance e teoria crítica. É autor de diversos livros e publica regularmente em revistas acadêmicas internacionais.